



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário

23 de Setembro de 1989

Ano XLVI - N.º 1188 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

## A ESCOLA

Agora que o novo ano lectivo dá os seus primeiros passos após a tamanha perturbação que afectou a Escola em Portugal no derradeiro ano, surgem, preocupantes, profecias de mau agouro a ensombrar este começo: Questões que ainda não foram resolvidas; consenso a que se não chegou.

Falar de perturbação na Escola quer dizer causá-la na multidão de crianças e jovens para quem a Instituição existe e que parecem esquecidos no desenrolar do processo que opõe interesses a que são estranhos. Nos outros domínios da actividade do homem em que se joga a produção de coisas é esta produção que é afectada pelos conflitos laborais. Mas aqui a produção é outra, trata de pessoas e pessoas por si indefesas que urge formar para um futuro melhor. Parece que os métodos de luta, possivelmente justa, deveriam ser diferentes — e valeria a pena gastar um pouco de energia criativa na busca da diferença

conveniente. Se não, os jovens são arrastados a ela, sem querer, numa certa posição de refém.

A grande multiplicação de Escolas, desde há cerca de vinte anos, é uma realidade boa, mas com o seu reverso: o número enorme de professores que requer e não havia. Provê-las, não só levou a facilitar na preparação exigida para a docência, como abriu largas possibilidades de emprego que noutros espaços minguava, o que se traduziu no abraçar da profissão docente por muitos a quem faltava a respectiva vocação. Daí um acentuado decréscimo da qualidade do ensino que dá lugar ao tão falado problema do «insucesso escolar». Por outro lado, a instabilidade de programas, experiências nem sempre bem fundamentadas nem convenientemente adaptadas à nossa realidade — tudo contribuiu para este declínio que se tem verificado concomitante ao adensar da malha escolar.

Com um número tão grande de crianças e jovens em vários níveis do Ensino, todas estas vicissitudes nos tocam de perto. A Escola, em nossas Casas, devia ser, não apenas um complemento mas um instrumento de formação em sintonia com a pedagogia própria de Pai Américo e a natureza específica da nossa população escolar.

A Obra da Rua que favorece o Estado com todo o equipamento necessário ao funcionamento da escolaridade básica, tinha, até há poucos anos, o direito de indicar os professores que haviam de reger as suas Escolas. Assim se nos facilitava a procura daquela sintonia. Pois, em nome de não sei que liberdade, esse direito nos foi tirado. Temos de nos sujeitar a quem aparece; e nem sempre temos tido encontros felizes.

Fala-se na pluralidade escolar. Ainda há poucos dias, o Ministro

Cont. na pág. 4

## NOTAS DA QUINZENA

1 É preciso, de vez em quando, fazer uma paragem na vida do dia-a-dia que levamos. Tenho ainda presente a conversa com aquele amigo de que vos falei na quinzena passada. Sentiu necessidade de se recolher no silêncio para aproveitar melhor as capacidades que levava em seu coração. Não era uma fuga às responsabilidades que pesavam sobre os seus ombros, no meio do mundo em que vive. Queria, antes, orientar a riqueza interior e exterior no sentido de tirar o melhor proveito para si e para os Outros. Mais ainda: o que mais o preocupava era a sorte dos Outros. Entendia que não podia construir a sua vida à margem da vida dos Outros. Por isso, parou.

Do alto da montanha, a sós consigo e com Deus, é possível ver mais claro o caminho a percorrer. O que importa fazer em primeiro lugar para que não haja perda de tempo, pois é tão fácil instalar-nos na vida e perder-se o sentido dos Outros que fazem parte integrante da vida de cada um de nós. Onde estão as primeiras necessidades?

As decisões mais ousadas só podem ser tomadas num clima de paz e harmonia interiores.

Acabei de ler uma carta dum jovem que ia neste sentido: não sabia como conciliar a vida agitada em que estava envolvido com o compromisso que o seu coração lhe pedia para servir os mais pobres onde quer que se encontrassem.

Isto acontece em todas as idades com aqueles que não querem ser arrastados pela corrente forte do espírito do mundo que vai, normalmente, no sentido do mais fácil, do superficial, do que mais agrada pessoalmente, mas não enche a vida porque lhe falta o sentido comunitário. A renúncia

Continua na página 4

## PATRIMÓNIO DOS POBRES



Quarenta por cento das famílias portuguesas não tem habitação decente!

## FALSOS PEDITÓRIOS EM LISBOA

Antes de partir para férias, o nosso Padre Luiz recomenda que O GAIATO publique «mais uma nota sobre falsos peditórios na cidade de Lisboa» — ou noutras localidades do País — «com fitas, autocollantes, etc. 'a favor' da Obra da Rua (em todas as suas vertentes). Quase todas as semanas — acentua — temos queixas! Na Baixa, nas Amoreiras, nas centrais de camionagem, aparece sempre gente a pedir e a impor 'mínimos'... É um escândalo!»

Os nossos leitores não caíam na esparrela. Esclareçam todo o mundo. Por natureza — desde sempre — somos avessos a acções desta ordem.

Cont. na página 4

# PELAS CASAS DO GAIATO

## SETÚBAL

**FÉRIAS** — Terminaram! Foram boas. Durante dois meses, em nossa Casa, viveram-se momentos de alegria, de euforia. Primeiro, os mais novos; depois, os das oficinas e alguns da Quinta, no Portinho da Arrábida (onde temos a Casa de Férias) sentimos momentos inesquecíveis, onde reinou de tudo, desde o desporto às histórias e música e lembrou-se tudo o que se fez ao longo do ano. Depois, durante 45 dias tivemos a companhia dos nossos colegas do Tojal e foi pena não termos os nossos irmãos do Calvário, como já era habitual.

Relaxámo-nos durante um mês e, agora, pensamos no futuro.

Agradecemos a resposta ao pedido feito, recentemente. Uma leitora respondeu inteiramente.

**FUGAS** — O Rogério fugiu mais uma vez. O Padre Acílio viu-o conduzir o tractor com excesso de velocidade e chamou-o à atenção, que era perigoso conduzir daquela maneira, dentro da Quinta. O Rogério não gostou e fugiu! Esperemos não encontre muitas dificuldades no dia-a-dia...

**TROPA** — O Freitas vai para a tropa, para a Força Aérea. Era o nosso chefe-maioral. Permaneceu dois anos no cargo e fez um bom trabalho. Agora, chegou a vez de passar a responsabilidade a outro companheiro. Que não lhe compliquem muito a vida...

Paulo Jorge

## TOJAL

**AGRICULTURA** — Tivemos muito trabalho no olival. Foi a ceifa dos fenos. O nosso celeiro está bem cheio. Também já provámos os melões. Uma boa colheita! Pêras doces e grandes. Houve uma grande quantidade de tomate. A D. Helena, com um grupo de rapazes, fizeram doce de tomate.

**ANIMAIS** — Algumas das nossas patas chocaram os ovos e, passado algum tempo, apareceram 23 patinhos. Quatro vacas estão para ter crias, lá para Outubro ou Novembro; e, claro, haverá mais algumas bocas para os vaqueiros darem de comer.

**PRAIA** — As férias acabaram. Agora, tudo a trabalhar!

Estivemos em S. Julião da Ericeira e na Arrábida. Foram dias inesquecíveis! Fizemos muitos amigos!

**ESCOLA** — Está prestes a começar o novo ano lectivo. Esperamos que seja melhor do que o ano passado. Teremos dezoito rapazes no C. P. T. V. e nove no Ensino Secundário, Curso Unificado.

**CAPELA** — Continuam as obras e esperamos que a Capela fique pronta com a maior brevidade.

**FUTEBOL** — Um dos nossos rapazes perguntou a outro:

— Olha lá, de que clube és tu: do Sporting, Benfica ou Porto?

— Não sou de nenhum. O meu clube

é o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Lisboa porque está sempre a lutar pela vitória. Ganha a maioria das vezes.

Recebemos uma carta para um encontro de futebol com os nossos mais pequeninos, dum grupo que nos visita todos os anos e regressa sempre com muita alegria.

Luís Miguel Fontes

## Conferência de Paço de Sousa

• As rugas, a tristeza expressam o calvário da pobre mulher — há muitos anos. «Tenho sofrido muito!» As lágrimas secaram: «Já num sei chorar!» É do campo. Não evoluiu no traje: lenço, argolinhas nas orelhas, saia abanada, tamancos...

— O q'eu tenho sofrido! Os meus foram gente pobre, mas respeitadores... Toda a vida na laboira de sol-a-sol, com a Graça do Senhor.

Não revelamos toda a história. No fim, a pobre anciã suspira d'alívio: «Ele já se reformou. O q'arrecebe é muito pouquinho. Só dá prò caldinho...»

Estacou. Forma delicada de perorar um suplemento — que distribuímos, nestes casos específicos. Aliás, nem sempre referimos estas acções, por excesso de problemas. Ajudas que suprem a pobreza real de muitos pensionistas. Para alguns dos quais, como é óbvio, a pensão «só dá (quando dá...) prò caldinho».

Enquanto não mudarem o critério, continuaremos a ser moletas dos reformados mais carenciados, suprimindo o que ora já sobra nas contas da Segurança Social — como foi dado saber pela Comunicação Social.

Por amor à verdade, que prezamos, algo mudou nos últimos vinte anos. Vastas camadas da população rural — centenariamente marginalizadas pelo Poder — viram acender uma luz no fundo do túnel. Quem dera não arrefeça, perante o vulcão da CEE — portas dentro. Seria contraproducente.

• A velhinha já tinha posto a questão: — A minha neta vai deixar a Escola...

— Porquê!?, insistimos.

A mulher emudece. Continuamos a preencher papelada do agregado, exigências burocráticas.

— Gasta-se muito! Temos pouco. Ela está crescendo...

Torna a emudecer, com ar circunspeto. Só pede compreensão:

— São cousas da idade.

— Em nosso entender deveria continuar o curso.

— S'ela quiser, tenho gosto que faça aquilo q'a gente não pôde fazer.

Comemora-se o Dia Internacional da Alfabetização. Permanecemos na cauda dos países europeus!

Agora, que as aulas não tardam, sem insistência da nossa parte, a moça diz que sim — continuará. Mostra o rol de material didáctico exigido pelo programa. Segreda motivos da indecisão e a opção pessoal com outro ar:

— Temos d'aproveitar as ocasiões...

Escolheu, conscientemente — sem exigências paternalistas. O nosso caminho!

**PARTILHA** — Assinante 9811, da Maia: «Pela passagem de mais um ani-

versário (já são muitos: 78), envio pequenina migalha (1.200\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, dando graças a Deus por tudo que me tem dado, pedindo que me dê sempre a Sua mão».

Florinda, de Alfena (há por lá outras, com certeza), manda vinte notas, em discreto sobrescrito, e uma só indicação: **Pobres**. Santa Cruz do Douro: 1.000\$00. Rua Nossa Senhora de Fátima — Porto: 4.000\$00 «para uma multidão de problemas. Gostaria que ajudásseis uma viúva aflita». Missão cumprida! É uma dolorosa problemática que deveria estar sempre na ordem do dia — em todas as comunidades cristãs. Assim tem compreendido, desde sempre, o «Manuel de Braga»: «Junto cheque (4.000\$00) para as minhas irmãs viúvas. Há tantas que vivem bem e poderiam ajudar as que nada têm. Gasta-se tanto dinheiro em luxo e morre tanta gente de fome, no Mundo, por falta de amor!»

Toulouse (França): 1.400\$00 de bom Amigo que esteve conosco uns dias e partiu — mai-la esposa — com saudades. Somos um País único, no Planeta!

Durban (África do Sul): «Um pouco atrasada (...), mas nunca esqueço os Pobres, envio a minha pequena migalhinha (20 rands) para ajuda de quem mais precisar». 1.700\$00 de Deolinda, do Porto. Assinante 4795, 1.000\$00. Coube aos nossos Pobres dez vezes mais, num vale de correio expedido pela assinante 26994 que pede «desculpa por tão pequena ajuda». Aqui está a maior riqueza!

Assinante 36082, da capital do Norte, destina cinco contos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e acrescenta: «Já os devia ter mandado; que Pai Américo e os nossos irmãos desfavorecidos me perdoem a demora. Peço uma oração pelas minhas filhas, que não lhes faltando nada, não sentem nem sequer amor uma pela outra». Dor que sangra um coração de Mãe!

Vicentino da «velha guarda» — assinante 12109:

«Os meus problemas não acabaram. Mas também não acabou a minha Fé, absoluta, total, em Deus, na Sua Misericórdia que não tem limites, na Sua Providência que tudo abrange. Como S. Paulo, espero contra toda a esperança. Por isso aguardo, pois sei que Deus é Amor e que pelo Amor me criou; um Amor eficiente, actuante. Disse o Senhor: 'Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei'. É nesta óptica de amor — que é serviço — que fui despertado pelo nosso O GAIATO para o caso do autoconstrutor que 'já tem quase tudo: compra de terreno, casa no ar, telhado. Falta o acabamento'. Fora eu rico e o problema dele estaria resolvido. Mas como não o sou, limito-me a enviar uma pequena achega para esse nosso irmão carente». Mais uma página, riquíssima, a juntar ao Livro da Vida! Não falando, já, de tantos a quem amenizou o sofrer, os maus tratos, as carencias — e despertou para Deus, na sua missão de serviço como recoveiro dos Pobres!

«Avó de Sintra» não pára! «Vai cheque para a 'Família do costume'. Desculpem o laconismo e tudo mal escrito, mas os olhos não querem...» Alma jovem!

Pompília, de Setúbal, 3.500\$00: «É uma migalha, mas com muito amor». O valor está aqui! Delicada oferta da assinante 4030, de Alcobaça, com intuição feminina. A encerrar a procissão, 1.000\$00 da assinante 27063 — muito perseverante, graças a Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**CATEQUESE** — Os dois grupos continuam a sua longa caminhada para ficarem bem preparados, espiritualmente, para receber os sacramentos. Faltando ainda quinze dias, é precisa a longa preparação dirigida pelo sr. Rocha que veio também passar férias a nossa Casa e dar algum do seu tempo aos nossos rapazes.

Agora, todos os dias, antes de rezarmos o Terço, ensaiamos novos cânticos para que o dia esperado seja de festa e de alegria para os que vão ser baptizados e receber a Primeira Comunhão, como para os seus padrinhos e o resto do pessoal.

**OBRAS** — Em nossa Casa seguem em bom ritmo. O sr. João e ajudantes estão, ainda, a raspar e lixar as portas e janelas para serem novamente pintadas ou envernizadas.

O sr. António, seu filho e o «Maria» dão uma pintadela à casa toda. A fachada principal fica muito bonita. Dá trabalho, mas vale a pena!

Os carpinteiros fazem novas janelas para a parte mais antiga da residência que fica assim bem preservada e estimada por todos. É um trabalho de grande responsabilidade para festejarmos o meio século de existência da primeira Casa do Gaiato da Obra da Rua.

**EMPREITADAS** — Colhemos a batata e desfolhámos o milho. Agora são os preparativos para o próximo Inverno: um grupo de rapazes vai, todos os dias, a um pinhal que nos deram, buscar caradas de lenha para nos aquecermos nos dias mais frios e cozermos o nosso pão que sabe tão bem; e, também, enchem a estrumeira de mato para termos estrume suficiente que adube as nossas terras, etc.

**DESPORTO** — No sábado passado reunimos, no nosso Lar, para eleger rapazes competentes e responsáveis para chefiar o nosso Grupo Desportivo, a fim de melhorarmos em aspectos competitivos, desportivos e disciplinares.

Resultado da eleição: Presidente, José António; vice-presidente, João Paulito. Mantemos a nossa aposta no treinador principal; como adjunto fica o José António.

Esperamos progredir. Por isso, pedimos às equipas interessadas, aos grupos de jovens, que venham disputar um jogo conosco, a fim de nos pôr à prova. Mas precisamos de marcar os encontros... Obrigado.

Carlos José

## Azurara

Para nós, falar de Azurara é falar em mar, em areia, em ar marinho... em férias!

É um mundo diferente, longe da escola, longe das ocupações de todos os dias; experimentamos uma nova forma de vida e assim descansamos.

Todos os anos passamos lá 21 dias. A época do Verão é preenchida pela ida e volta de vários turnos (geralmente quatro) de cerca de 40 rapazes cada e pela recepção típica aos que retornam, por parte de quem ficou: «Acabou-se a 'chuchadeira'!»

O turno dos mais pequeninos (entre os quais os «Batatinhas») geralmente tem direito a mais uns dias do que os outros, pois são os mais novos e, por isso, os que mais precisam de praia. Fui com eles para, como um dos mais velhos, os poder ajudar. Com grande tristeza não tivemos a nossa querida tia Geca para fazer as funções de mãe. Mas, à partida de Paço de Sousa, lá estava, despedindo-se de todos e lamentando não nos poder acompanhar por causa da operação à vista que havia feito, e todos aceitaram. As crianças são fantásticas! É difícil fazê-las compreender alguma coisa, mas quando quem lhes explica é alguém de confiança e as ama, têm o raro dom de confiar plenamente até ao ponto de compreenderem o que não entendem! Foram duas senhoras substituir a Tia Geca.

Como se costuma dizer, «entre mortos e feridos alguém havia de escapar»: tudo correu às mil maravilhas!... Uma das senhoras que nos acompanhou, enfermeira de profissão, levou alguns dos seus aparatos para algum caso eventual... Mas o eventual transformou-se: Não havia dia sem que alguém quisesse ser curado — grande parte, se não quase tudo, feridas pequeninas, claro! — e, de vez em quando, lá aparecia o Bruno ou outro a apontar a «fida» muito minúscula! Quanto a mim, feri-me três vezes no mesmo sítio (na canela) e não se tratando de uma «fida», mas de uma ferida, recorri aos seus serviços.

Fazendo parte do grupo, iam dois rapazes mais velhos como responsáveis (o Lando e o Ruilhe). Tudo fizeram para que tudo corresse bem: chamaram a atenção quando alguém deixava a toalha ou algum brinquedo abandonado na praia; tinham o cuidado de ver que ninguém se afastasse demasiado da sua vista; etc.

Na hora da banhoca todos corriam à frente das ondas (menos os mais espigadotes — sublinho, pois eles não gostam de confusões deste tipo!). O Ilídio, apesar de ser o mais pequeno de todos, era o que tinha menos medo e lá ia ele mergulhando aqui, fugindo ali, mas sempre em águas baixas e sob os olhos atentos do responsável. O «Balãozinho», a princípio, tinha receio do banho no mar; mas, quando o levei ao colo mergulhando depois na água com ele, até ficou a gostar da água e, pouco depois, já me chamava, dizendo: «Olha eu a tomar banho!» E lá ia mostrando os seus mergulhinhos cuidadosos em águas baixas.

Ficámos contentes com a visita que, um dia, nos fez a Tia Geca. Os pequenos correram a abraçá-la e a beijá-la, contentes, contando muitas coisas ao mesmo tempo! Uma alegria!

O Padre Carlos levou-nos um novo gaiato, o Hélder, para passar o resto dos dias, pois é tão branquinho e magrinho que a praia só lhe faria bem. Assim foi... Muito falador e contente por ver pela primeira vez o mar e por ter, agora, tantos amigos, a praia não lhe podia ter feito mal.

O «Pauliteiro», um rapazito da Casa do Gaiato de Beire, foi conosco, mais o Nelito e o «Carocha». De espada em riste, lá ia batendo com o seu pauzinho na pedrita que mantinha entre os dedos da outra mão (como sempre!) e, quando não fazia isso, saltava e brincava com todos! Os três muito contentes por estarem na praia, assim como os outros; mas, dos três, o «Pauliteiro» era o mais alegre!

O pequenino Frederico ao ver pela primeira vez o mar e toda a sua beleza, ficou de boca aberta olhando tudo isto e, estupefacto, balbuciou algo por breves momentos enquanto via o ambiente, admirado!

Houve momentos de muita alegria e de muita amizade, à mistura, como não podia deixar de ser; e algumas repreensões dos chefes que os mais pequenos respeitavam ao ouvir as suas vozes grossas. Mas foi tudo muito bom e como tudo o que é bom acaba, deixou saudades que só para o ano serão satisfeitas.

Por ser lugar calmo e, por isso, mais seguro para os pequeninos, costumámos ficar ao pé do paredão, uma larga muralha de grandes pedras que avança pelo mar dentro e o separa do rio Ave, deixando uma estreita garganta de ligação entre as duas margens. Do outro lado da garganta vê-se um farol muito imponente e majestoso. Da ponta do paredão, no qual batem as ondas e se emaranham no meio das gigantescas pedras, avista-se um vasto lençol azul cujas pontas ondeiam ao sabor do vento, estendendo-se em vagas pelo imenso areal. Lá longe, as gentes parecem formigas autênticas. A praia estende-se num semi-círculo, acabando o campo de visão num grande monte de rochedos cobertos de algas escuras à mistura de uma leve neblina que, por vezes, se vê por lá. De quando em quando passa um barco de pesca ou um cargueiro na linha do horizonte, completando este quadro as pinceladas de um amarelo vivo à mistura de vermelho que o sol, já baixo, se encarrega de executar com espantosa e natural arte!

Bento

## LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pelo que sei, todas as Conferências Vicentinas têm muitas necessidades. Penso, no entanto, que a de S. Francisco de Assis estará nas primeiras filas; isto porque a zona que nos foi confiada pelo nosso Pai Américo, é uma das mais carenciadas, quer no aspecto económico e ainda mais no que toca à parte moral.

Claro que nada se pode fazer a nível moral, se não atenuarmos um pouco a fome e as necessidades básicas.

Diz o povo: «Casa onde não há pão, todos ralham sem razão». É isso mesmo que acontece nas ruas de Miragaia. Só visto!

Várias famílias visitadas por nós, na rua da Bandeirinha, comprovam bem essa triste realidade. A mistura é tanta: álcool, prostituição, droga e muita, muita mentira pelo meio. Só Deus sabe a dificuldade que temos em saber quando falam verdade. Todos se queixam e acham que o vizinho precisa menos do que eles.

Uma coisa é certa: Pode haver um que precise menos, mas todos precisam muito. Basta que se olhe para a cara enfezada daquelas crianças. Graças a Deus que sempre nos vão chegando alguns donativos para atenuar um pouco essa miséria.

A confirmar, vem a resposta dada por uma professora amiga que, ao ler a crónica que falava do casal com seis filhos, se prontificou a pagar os livros da pequena mais velha que passou para o oitavo ano.

Nós confiamos no Senhor; a obra é d'Ele; daí que as respostas venham na hora certa.

A nossa gaveta estava vazia, não tínhamos sequer dinheiro para satisfazer os compromissos mensais com a mercearia que abastece os nossos Pobres de leite, pão, arroz, etc. Eis que este

# CARTAS

«O GAIATO está-me tornando vaidosa! Com efeito, há meses, o Padre Luiz publicou umas cartas de

mês, o coração dos nossos leitores se abriu. E conseguimos tapar o buraco; graças a Deus e a vós. Que Ele vos ajude.

Pelo correio chegou roupa. Uma velha amiga, desconhecida, manda 40 marcos. M. Amélia, 2.000\$00. Olinda, 10.000\$00. Assinante 14590, 1.000\$00. Assinante 7969 envia 10.000\$00 para a casa de Miragaia e 3.000\$00 para comprar leite. Assinante 47176 é pontual em mandar, mensalmente, 7.000\$00 para o leite dos filhos da sr. Lourdes. 500\$00 de P. M. G. De Fátima, chegaram 5.000\$00. Assinante 26271, 5.000\$00. De João Vieira, 8.000\$00. Vales postais: um de 1.000\$00, outro de 5.000\$00. Assinante 8047, 1.000\$00. Martins, 5.000\$00. Assinante da casa dos 100 manda 100\$00. Outro assinante, o 26226, 5.000\$00. Artur Gonçalves, 4.000\$00. Viseu quis marcar presença por um casal de reformados, mandando 250.000\$00. Joaquim Pinto, 1.000\$00. Assinante 23312, 10.000\$00 e diz que «o caminho mais fácil para fazer muitas coisas, é fazer uma de cada vez». De Ermesinde, 50.000\$00 com duas palavras simples:

«Amigos, envio um cheque como subsídio de férias para o fazerem render. Por favor não agradeçam.»

Um anónimo, 5.000\$00. G. M., 2.000\$00. De Braga, 25.000\$00 e pede anonimato. Mais: pede que insistamos na «campanha tenha o seu Pobre». Prometemos.

Ponta Delgada, cheque de 5.000\$00. Rio Maior, 2.000\$00. Joaquim Gonçalves, 6.000\$00. Assinante 24142, 1.000\$00 e promete mandar esta quantia todos os meses. Anónima, 5.000\$00. Assinante 27035, 5.000\$00. Inês Russo, 2.000\$00.

Além de agradecer, em nosso e no nome dos nossos irmãos, agradecemos tão belas palavras que ajudam na nossa caminhada de vicentinos. Um abraço amigo.

Uma vicentina

meus filhos e, agora, quiseram ter igual gentileza para com esta «centenária» de assinaturas do «Famoso». Bem haja!

Permitirá Deus que eu, à semelhança do que está a acontecer com a Revolução Francesa, também consiga comemorar o «bicenténario»? Vontade não me falta...

Assinante 24771»

«Gostaria de dar mais. Não é que não pudesse, mas somos sete na família. Eu trabalho em casa e o dinheiro não é meu. No entanto, sinto que não é dinheiro que gostaria de dar, mas algo de mim mesma: carinho, ternura... Eu sei que isso

## Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

**DOUTROS AUTORES:** Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

Assinante 48910»

posso fazê-lo pelos que me rodeiam e me batem à porta. Deus me ajude a estar atenta e eu saiba transmitir essa preocupação aos que me rodeiam: meus filhos e marido. Porque ansiamos, às vezes, tanto e fazemos tão pouco? Como me sinto pequena e limitada!

Obrigada pela vossa mensagem: O GAIATO.

Gostaria de dar um abraço enorme em que coubessem todos. Assinante 52817»

«O nosso querido jornal é uma bellissima companhia e ajuda para mim.

Leio-o, quase como quem reza, de tal forma é Força que nos leva até ao Senhor.

Recebi-o ontem e foi a minha leitura do terminar do dia. Gostei muito!

Como vou ser tão atrasada em mandar o meu contributo para o papel ou tinta da impressão?!

Perdoai a demora.

Assinante 35337»

«Em boa hora assisti a palestras de divulgação da Obra da Rua e tornei-me assinante do Famoso. Em boa hora o fiz, devo acentuar mais uma vez. Só que não informaram o custo da assinatura, mesmo depois de perguntar. E, apesar de estar atento a qualquer pormenor que me pudesse dar indicações, inquirindo outros assinantes, nada consegui! Pelos vistos não tem preço. Se assim sucede quanto aos mais altos valores que serve, e no aspecto doutrinário, deve ter também um valor material que desconheço e me interessava saber para minha orientação de remessas. Assim sendo, envio um cheque para a referida assinatura.

## DOCTRINA



Receber para distribuir e distribuir para receber.

• Uma vez que não posso comunicar-te quanto, como e a quem distribuo esmolas, que o silêncio cerra-me os lábios, vou publicar as que durante o mês me deste; e assim não falto à promessa que fiz nem à resolução que tomei de relatar no fim de cada mês as quantidades e as qualidades do que a Obra recebe. (...)Eu podia dar o total das contas e assim poupar trabalho à chusma dos curiosos; mas alguns de tal maneira o são, que tirar-lhes o lápis da mão o mesmo é que matá-los — e eu não quero que eles morram.

• De maneira nenhuma quero ser pranteador, que a Obra não é funeral nem eu choro pelos mortos. Mas desabafar contigo as dificuldades que tenho, isso sim, quero fazer. É que me vejo actualmente no meio de dois fogos e não sei para onde fugir: quando chega a maré de despedir um pequeno para dar lugar a outro, ele chora; e os pais fazem na mesma a pedir que o não traga. As lágrimas também queimam e eu vejo-me consumido com fogo pelos dois lados. «Deixe estar lá o meu filho que isto vai muito mal.» O isto dos pais é a consequência lógica do isso que para aí vai; e como é verdade que a corda quebra sempre pelo mais fraco, as classes por quem eu olho são as mais sacrificadas. As lágrimas dos pequenitos, essas são silenciosas, mas tão eloquentes! Ai, quem pode resistir a tanta força?! Quem não há-de retirar o bocado da boca para o repartir por estas vítimas inocentes?! Como posso eu trazê-los, se as lágrimas não querem vir — e eles é que mandam! Não. Não os trago. Levo mais.

D. Américo!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)



Colheita da batata na quinta de Paço de Sousa.

# AQUI, LISBOA!

• Como se infere da rubrica «Património dos Pobres» do jornal de 26 de Agosto último, passou a caber a esta Casa do Gaiato o acom-

## A ESCOLA

Cont. da página 1

da Educação afirmava que «o livre acesso a modelos educativos diversos, no exercício de uma escolha que cabe, em primazia, à família e ao jovem, constitui um pilar central do edifício educativo português em construção, com respeito pela diferenciação de projectos educativos que coexistem numa sociedade aberta e moderna». Mas a verdade é que esta abertura e modernidade ainda está por construir e não se sabe quando o será, porquanto em mui recente ajustamento de salários dos professores do Ensino Particular, estes continuam em desvantagem relativamente aos do Ensino Oficial. E enquanto assim for, não é fácil optarmos pelo estatuto do Ensino Particular, muito mais propício ao bom funcionamento da Escola em nossas Casas, mas que exigiria dos docentes que a servissem, um sacrifício da situação de que gozam no Ensino Público.

De modo que, para já, nada mais nos resta do que fazermos votos para que o novo ano escolar decorra em paz.

Padre Carlos

panhamento particular das actividades que lhe são inerentes, nas dioceses de Lisboa e de Santarém.

Depois da dinamização do Património levada a cabo ao longo de um ano pelo Padre Baptista, que correu Seca e Meca por esse País fora, importava tentar nova fórmula de acudir aos pequenos autoconstrutores ou aos moradores em pardieiros, insuflando nos Párocos, Vicentinos e homens de boa vontade o interesse pela situação daqueles que vivem sem abrigo ou nas condições mais degradantes de habitação.

Com mais este «tacho», a juntar

aos que já possuímos, não nos vão faltar, com certeza, trabalhos. Só contamos com a boa vontade e isenção dos «fiadores» proponentes ou apresentadores dos casos dignos de ajuda. Sempre que solicitados, não deixaremos de comparecer, procurando auxiliar, na medida das nossas capacidades. Não pretendemos resolver os problemas todos, que não é essa a nossa missão, mas se pudermos acudir a algumas famílias, considerar-nos-emos satisfeitos. Dando as mãos, se todos o entendermos, muito de útil será tornado realidade, sem alardes ou propagandas.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

Todos se conhecem e sabem um pouco da vida uns dos outros. O que mais falta é quem promova a comunhão.

Pai Américo teve sempre muita esperança na Igreja e procurou que fosse a Igreja a assumir o Património dos Pobres. Embora a Igreja não tenha a missão de assistência social, tem a missão da Caridade. É no altar que se fazem estas grandes coisas.

As Conferências Vicentinas (hoje, algumas tão desmotivadas), os grupos sócio-caritativos — geralmente constituídos por gente nova e generosa — outros grupos de cristãos e nós portugueses somos quase todos baptizados, todos animados por sacerdotes que aceitaram ser pastores, todos de mãos dadas conseguiríamos que grande parte das nossas famílias sem casa, ou com elas degradadas, tivessem moradia condigna de famílias irmãs.

Soube-me tão bem a alegria daquele vicentino que na sua aldeia tem sido coração e ajuda nas casas a famílias pobres: — *Olhe que já acendemos mais três estrelas no Céu!* São três habitações, praticamente acabadas, sobretudo com o esforço de quem as vai habitar. Quando passo naquela aldeia vejo sempre as *três estrelas no Céu.*

Trago o coração ferido com os gritos daquela mãe de quatro filhos. Apontou a mais pequenina que *«anda doentinha já há muito»*. Um dos pequeninos todo nu. Os outros dois só com calções muito sujos. Disse que é só ela a dar uns dias fora, a angariar o pão para os seis. Queixou-se que o marido raro vai ganhar um dia e anda quase sempre no vinho e na pouca vergonha.

Entre na casa onde vivem. Tudo em desalinho. Só uma cama para todos. Muitas coisas amontoadas. Uma cadela com quatro cachorrinhos num dos compartimentos. Materiais de construção desaproveitados e à mistura com palha para o gado.

Toda esta miséria me feriu. Procurei um pedreiro que vai dar um arranjo a tudo aquilo. Desejei que toda aquela família tenha algum asseio. Pedi a Deus que nos ajude a acender *outra estrela no Céu.*

Que os gritos de muitas mães tenham eco e lugar no coração de todos. A Obra da Rua tem suas portas abertas nas Casas do Gaiato: Beire, Paço de Sousa, Miranda do Corvo, Santo Antão do Tojal e Setúbal. O dinheiro não há-de faltar. O dinheiro anda atrás de nós.

Vamos acender mais estrelas no Céu ajudando a construir ou a reparar as casas dos irmãos necessitados delas.

Padre Manuel António

Padre Horácio

• João Paulo II acaba de se encontrar, em Santiago de Compostela, com centenas de milhares de jovens, oriundos de todo o Mundo, recordando os «sacrifícios, sofrimentos e cruces» que hoje pesam sobre os seus ombros, aludindo à desorientação reinante acerca do sentido da vida, à manipulação de que são alvo pelo Poder, ao desemprego, à fome e ao flagelo da droga, que a tantos submerge. Semeador da paz e da esperança, o Papa contrapôs ao materialismo e egoísmo reinantes, o sentido de serviço, face aos critérios comuns do êxito e do poder que presidem aos destinos do homem firmados na submissão ao poder económico e na manipulação das consciências pelo poder cultural. O Pontífice, evocando a figura do apóstolo Tiago, a cujo túmulo «vieram os jovens para aprender a Verdade evangélica», disse: «Quem quiser ser grande que seja seu servidor».

Apraz-nos esta leve referência à aludida viagem papal, nós que estamos essencialmente dedicados ao serviço dos jovens. Isto, tanto mais,

quando acabamos de ler num semanário alguns considerandos sobre uma hipotética segunda morte de Cristo, em «utopias», que «a vida não tem de ter necessariamente um sentido ético» e em que o Evangelho se vê reduzido a uma espécie de síntese de todas as religiões, «Declarações Universais de Direitos». Por convicção profunda, salvo o respeito que é devido aos que pensam de modo diferente, só há um Evangelho e um único exemplo a propor a todos os jovens que disse de Si mesmo, ser o Caminho, a Verdade e a Vida e que está bem vivo no meio de nós, porque ressuscitado, Cristo Senhor, «que é o sol vencedor, invencível», como proclamou, em Compostela, João Paulo II. Fora d'Ele só a escuridão.

CAPELA — Continua, embora com atrasos. Se a ela não nos temos referido é para não causticarmos os Leitores. Para nós tem sido uma gestação difícil, que há-de redundar num parto feliz, assim o cremos.

Padre Luiz

## O MARCO

• A GNR trouxe-nos o Marco. Sabe que a mãe morreu, que é da zona do Montijo, que o pai vive, algures, em Coimbra, mas não o conhece. Perdeu-se um menino... O nome... As referências... A foto... Todo o mundo vibra!

O Marco, nada!

Ninguém o procura!

Por tal, também, a família, o nome, a terra, o que irá comer e onde dormir não contam para ele.

Comia qualquer coisa e qualquer banco de jardim o abrigava!

Não se encontra em nada; os seus olhos são dois pardais.

«Marco presta atenção.» Não é capaz da mesma posição por mais de vinte segundos.

O rio lançou-o fora do leito como a corpo estranho... Está na margem. Caminha na margem. Seus gestos e palavras, desejos e aspirações desarticulados da corrente. As próprias gotas de água, que extravasam, não «dizem bem» no seu corpo de menino.

Marco, marginal!

Porque ele se coça continuamente? Não vejo borbulhas na pele tostada pelo sol e pela chuva. Lembro, nas cheias do Douro, os troncos arranhados pelas rochas das margens...

• O Marco não conheceu o pai. Vivia com a mãe, o padrasto e uma irmã.

Conta ele: «Fomos a uma festa. O meu padrasto embebedou-se e numa curva jogou o carro contra uma árvore. Eu joguei-me fora. O carro incendiou-se e os outros morreram».

Foi, ainda segundo ele, nesta altura que começou a vadiar.

Não coube em nenhuma «plataforma-padrão» desta nossa sociedade: Dinheiro, relações sociais, sexo, emprego e política.

Os familiares rejeitaram-no.

Não teve um lugarzinho na comunidade cristã do seu lugar.

O grupo desportivo-cultural da terra também não deu por ele.

As autoridades lavaram as mãos.

Com a esperança vaga de encontrar o pai, o Marco meteu-se num comboio Lisboa-Coimbra e escondeu-se num quarto-de-banho. Quebrada a ordem natural do chichi... então, sim, foi descoberto: «Clandestino... Vadio...»

Acossado, antes do comboio parar, saltou pela janela e fugiu. Quando lhe perguntei o nome, olhou surpreso — como se tivesse encontrado um valor perdido.

Pedimos à GNR o favor de averiguarem sobre a família e o abandono. Se não, iremos nós. Não podemos deixar o Marco nu e arranhado na margem do rio.

«Pilatos lavou as mãos diante do povo e disse: — Sou inocente do sangue deste Justo. Sereis responsáveis pelo sangue de um inocente, vós e esta cidade.»

Padre Telmo



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898